

Liberdade Pessoal

J. Hampton Keathley, III

Tradução: Tiago Abdalla

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade que se entrega ao amor próprio e tudo o que se faz é conforme a própria vontade, buscando a própria felicidade, conforto e paz. Esta entrega ao eu, com certeza, é destrutivo para a sociedade, para a família e qualquer relacionamento humano. Tal curso é o produto da influência e ilusão de Satanás, diretamente opostas à direção e determinações das Escrituras para a vida do cristão.

A ordem para o Corpo de Cristo é amar a Deus e ao próximo, a busca pela promoção do reino de Deus, fazendo não a própria vontade, mas a negação do viver egoísta, a fim de sermos livres para viver para Deus e os outros.

Assim, encontramos no Novo Testamento aquilo que podemos chamar de doutrina da mutualidade. Repetidas vezes no Novo Testamento, vemos diretrizes e afirmações quanto às nossas responsabilidades mútuas. O ponto essencial é que Deus nos chamou com a finalidade de sermos um povo servil, seguindo o exemplo do nosso Senhor, o qual veio não para ser servido, mas para servir e dar a si mesmo como resgate de muitos.

Gálatas 5 é uma das passagens chaves nas Escrituras que se ocupam com a vida cheia do Espírito ou o andar mediante o Espírito Santo, o qual habita em cada crente. Isso é importante para compreender o argumento central de Paulo a respeito da liberdade do crente. Observe o seguinte:

(1) Os gálatas eram prisioneiros do pecado, em sujeição ao seu controle e morte (3.22), e a Lei não fora capaz de libertá-los. A Lei era meramente uma protetora para orientar Israel até Cristo, quando o homem seria livre do pecado e justificado pela fé (3.24).

(2) Antes de Cristo, o homem era como uma criança, debaixo de seu tutor ou guardião, não diferente de um escravo, em sujeição, debaixo do cumprimento da Lei e do Judaísmo (cf. 4.1-3).

(3) Mas com a vinda de Jesus Cristo, eles foram libertados, tornados filhos adotivos com a habitação do Espírito Santo, o qual era a comprovação da filiação.

(4) Todavia, por causa dos mestres falsos e legalistas, alguns estavam tentando voltar às obras da Lei como um sinal de espiritualidade. Eles se tornavam enredados, novamente, como escravos debaixo da Lei (4.8-11).

(5) Assim, observe a declaração e ordem de Paulo em 5.1-12. Aqui, o apóstolo se concentra com a liberdade do crente e nos adverte contra o enredamento com a lei e qualquer sistema humano de obras, pelo qual alguém tentasse ser justificado da penalidade do pecado ou santificado, liberto do poder do pecado. O cristão é alguém justificado, salvo pela fé na Pessoa e Obra de Jesus Cristo. Ele é, também, uma pessoa santificada, transformada espiritualmente, pela sua nova posição em Cristo e pela fé no Espírito que vive nele ou nela (3.1-5; 4.19; 5.4-5, 16, 25).

O crente em Cristo é um homem liberto! O que isso significa? Como isso deve afetar nossas vidas? A verdade bíblica nunca é irrelevante para nos orientar sobre como devemos viver.

A PERSPECTIVA HUMANA SOBRE A LIBERDADE

Paulo está tratando acerca da influência errada da perspectiva humana sobre a liberdade. Para o mundo (aqueles que agem fora dos absolutos divinos da Escritura) liberdade significa o direito de ser e fazer aquilo que desejar, como desejar, quando desejar, onde desejar. Isto significa realizar sua própria vontade, sendo seu próprio chefe, preocupando-se com suas prioridades. O *Webster's New Collegiate Dictionary* define liberdade como: “isenção de necessidade na escolha e ação”.

Mas a Bíblia ensina, tanto quanto uma simples observação da vida, que tal definição ou perspectiva não é liberdade. Ao invés disso, é licença e desculpa para livrar-se das restrições morais de Deus, na busca de objetivos egoístas (Rm 1.18ss; Jo 3.19-21). Essa perspectiva resulta, eventualmente, em exploração dos outros, decadência moral, licenciosidade, como está se tornando cada vez mais evidente na nossa sociedade “faça sua própria vontade”.

Este tipo de liberdade ou licenciosidade, como realmente é, também é ESCRAVIDÃO OU SUJEIÇÃO.

Esses tais são como fonte sem água, como névoas impelidas por temporal. Para eles está reservada a negritão das trevas; porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnis, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro, prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor. (2 Pe 2.17-19)

A PERSPECTIVA DIVINA SOBRE A LIBERDADE

Negativamente: O que Não é Liberdade

Paulo compreende que nós temos a perspectiva divina, o ponto de vista das Escrituras com respeito à verdadeira liberdade. Liberdade cristã nunca é liberdade para pecar ou fazer o que queremos.

Os gálatas, como muitos hoje, tendiam a um de dois extremos. Alguns estavam retornando para a lei como sinal de espiritualidade e retidão. Isto apenas servia para trazê-los de volta à servidão do poder da carne e à habitação interna e externa do pecado. Assim, para estes Paulo escreve 5.2-12. Tal posição sempre anula a nossa liberdade em Jesus Cristo, porque coloca nossa fé em objetos errados: o eu e a Lei. Isto é o que significa decair da graça: decair da provisão da graça contra o pecado. **Isso não significa que perderam sua salvação. Significa que eles perderam a liberdade concedida pelo poder de Cristo.** O legalismo produzirá algum serviço, mas esse será desagradável e oriundo de uma neurose generalizada, autopromoção cujos motivos são satisfazer as necessidades egoístas.

Outros, ouvindo acerca da sua liberdade em Cristo, pensaram que poderiam fazer aquilo que desejassem. Mas tal filosofia sempre resulta em falta de amor, egoísmo, exploração que ignora as necessidades de outros e age de maneiras que são prejudiciais para o Corpo de Cristo e para o propósito de Deus na igreja.

Então, para estes, o apóstolo escreveu Gálatas 5.13-14. “Servo” é o grego *douleuete* (doul euvete) um presente imperativo ativo de *douleuo* (doul euvw) “cumprir as exigências

de um escravo ou servo”. Isso é importante para notarmos que a maior ordem sobre a mutualidade é, de um modo ou de outro, demonstrar o coração de um servo. “Oportunidade” é *aprhorme* (of-ormhv) que originariamente significava “ponto inicial” ou “base de operações”, e então, “uma oportunidade, uma ocasião, um incentivo” ou “pretexto, desculpa”.

Princípio: Nossa liberdade em Cristo e a abundante graça a nós concedida nele nunca deve ser usada como uma desculpa para fazer o que desejamos e, no processo, ferir outros ou ignorar nosso chamado e obrigações diante de Deus e dos homens (Rm 5 – 6; Tt 2.11-14). Liberdade em Cristo jamais significa liberdade da presença e luta com a carne ou da habitação do pecado. Mas, tenciona a provisão do Espírito como o recurso de Deus de vitória (5.16-17). Conseqüentemente, nossa salvação e liberdade em Cristo nunca devem ser consideradas como liberdade das responsabilidades de serviço e amor aos outros (Rm 14 – 15).

Aqui reside um grande paradoxo do Cristianismo. É interessante que Paulo, tendo advertido aqueles cristãos a não se tornarem, mais uma vez, escravos da lei e da carne, agora, exorta-os a tornarem-se servos, escravos uns dos outros, o que inclui, sem dúvida, serem escravos de Deus (1 Co 6.19; Rm 12.1). Este paradoxo é tremendamente instrutivo:

- Escravidão mútua e para com Deus é absolutamente nada, se comparada à escravidão da carne e da Lei.
- Escravidão à carne e à Lei resulta em morte, miséria e frustração. Isso causa em nós esgotamento, separando-nos com força uns dos outros.
- Por outro lado, escravidão a Deus e mútua resulta na verdadeira liberdade e máxima bênção.
- Escravidão ao pecado é involuntária, mas nunca neutra. É degenerativa e destrutiva tanto a mim quanto aos outros.
- Escravidão à lei é voluntária, é o homem decidindo salvar a si mesmo. Assim, é tola, pesarosa, mas também, completamente carente para mudar nossas vidas por dentro, onde realmente importa.
- Escravidão a Deus e mútua é voluntária. Mas é produto do amor e poder do Espírito Santo. Deste modo, se torna uma fonte de glória a Deus, e alegria, paz e bênção a mim e aos outros.

Positivamente: O que é a Verdadeira Liberdade

Liberdade não é o direito de fazer o que se deseja, mas o poder e capacidade tanto de querer como fazer o que se deve. Verdadeira liberdade jamais indica liberdade de responsabilidade, e responsabilidade não apenas para decisão, mas para decisões corretas. Liberdade é um contentamento interno com quem somos em Cristo e o que temos nele. O que implica desejar apenas o tesouro celestial. Indica prontidão e capacidade para permitir que Deus esteja no controle de nossas vidas. Significa determinação em transferir o controle da própria vida para Cristo, e então, ele nos liberta psicológica e volitivamente para seguir ao Senhor. Liberdade para a responsabilidade pessoal diante de Deus e do homem, debaixo da graça divina.

Um trem é uma boa ilustração porque é apenas efetivo quando está sobre os trilhos para os quais foi designado. Trilhos não impossibilitam um trem, mas o capacitam a movimentar-se livremente, contanto que se movimente debaixo do poder do vapor ou combustível da locomotiva.

Mas vamos entender que a liberdade está particularmente ligada com os relacionamentos humanos, os quais procedem do correto relacionamento com Deus pela fé em Jesus Cristo e mediante o ministério do Espírito Santo. Esta é uma chave importante por todo o quinto capítulo de Gálatas. Cinco vezes o apóstolo usa “uns aos outros” em relação com a nossa liberdade – uma vez no verso 13, duas no 15 e duas no versículo 26. Em cada referência é central o ministério do Espírito Santo.

Isto é evidente nos nossos programas sociais. Os programas falham em trabalhar efetivamente, porque o homem é incapaz de realizá-los de maneira efetiva. Paulo sabia que para sermos capazes de servir uns aos outros em amor, precisaríamos de força de uma outra fonte no lugar de nós mesmos, e necessitaríamos lidar com nosso homem interior, honestamente, mediante a confissão e o poder da habitação do Espírito de Deus.

Marcos 8.33-35 mostra que a verdadeira liberdade procede de um total compromisso com Jesus Cristo. Na perda de nossas vidas em devoção a ele e seus propósitos e na transferência do controle de nossas vidas para ele, encontramos a verdadeira liberdade – a liberdade para ser aquilo que fomos designados para ser e, assim, experimentar a verdadeira alegria. O uso de nossa liberdade para favorecer a nós mesmos nunca satisfaz o âmago dos desejos do coração. Ao invés disto, destrói a capacidade da alma de se relacionar com outros e conduz, também, à negligência dos outros ou sua exploração. Então, existimos para, voluntariamente e por amor, servir uns aos outros como escravos do Senhor.

Ser um servo de Cristo acarreta para nós o serviço aos outros porque por estarmos em Cristo, somos parte de seu Corpo e membros uns dos outros.

NOSSA PRECAUÇÃO: UMA ADVERTÊNCIA CONTRA A LICENCIOSIDADE

Uma filosofia licenciosa sempre resulta em falta de amor, egoísmo, exploração que ignora as necessidades mútuas e age de maneiras prejudiciais para o Corpo de Cristo e para o propósito divino para a igreja. Então, para este fim, o apóstolo escreveu Gálatas 5.13-26.

Nosso Dever: Servir uns aos outros por Amor

O amor cumpre a lei:

Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor. Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: AMARÁS O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO. Se vós, porém, vos mordéis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos. (Gl 5.13-15)

Com respeito à exposição de Paulo no verso 15, Warren Wiersbe escreve:

Este versículo dá razão para o que vem antes (perceba a partícula *gar* no v. 14). A liberdade em Cristo não ignora a lei, mas cumpre os próprios requerimentos santos por meio daquilo que é sua essência, amor ao próximo. “Se você ama ao próximo (por amar a Cristo), você não irá roubá-lo, se aproveitar dele, invejá-lo, ou tentar de alguma maneira feri-lo”.¹

Amor que vem de dentro por meio do ministério do Espírito Santo, tendo as Escrituras como nosso guia sobre a prática do amor, cumpre a Lei.

¹ Warren Wiersbe, *Be Free*, Victor Books, Wheaton, IL, 1982, p. 127.

Conseqüências a Evitar: Canibalismo Carnal Cristão

Se vós, porém, vos mordeais e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos. (Gl 5.15)

Quando não servimos uns aos outros, invariavelmente, acabamos devorando uns aos outros. Esta é a alternativa. Parece não haver, no final das contas, nenhuma neutralidade – assim, vivemos para os outros ou vivemos para nós mesmos.

NOSSA CONFIANÇA: A PROVISÃO DE DEUS DO ESPÍRITO

Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne (Gl 5.16)

Neste ponto mora o segredo. Não por meio do temor da lei, mas por meio do ministério pessoal do Espírito Santo venceremos a carne ou a natureza pecaminosa, como é conhecida.

A Ordem

“Andai no Espírito”. “Andai” é um imperativo, uma ordem. Ainda que não estejamos debaixo da lei, não estamos livres da responsabilidade de escolhas certas. Como uma ordem, isso também inclui a capacidade para cumpri-la. No texto grego, o tempo verbal é o presente que denota ação contínua, indicando a necessidade de andar momento após momento, passo a passo na dependência do Espírito. “No Espírito” destaca o Espírito Santo como agente e o recurso, e assim, a força pela qual devemos viver.

A Promessa

“E jamais satisfareis à concupiscência da carne”. “Jamais” é *ou me* (ouj mhv), uma forte negação, “nunca!”. “Satisfareis” é *teleo* (tel evw), no grego significa “levar a um final, concluir, realizar” ou “efetuar, executar, levar a cabo”. “Concupiscência da carne” refere ao problema que todos nós enfrentamos da contínua atividade da natureza pecaminosa, a propensão para o pecado que continua a existir ainda na vida do salvo. Enquanto vivermos nesta vida, nunca estaremos completamente livres dos maus desejos que se originam da nossa natureza humana decaída. Podemos experimentar vitória sobre eles, mediante o Espírito Santo.

NOSSO CONFLITO: A BATALHA ENTRE A CARNE E O ESPÍRITO

Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. (Gálatas 5.17)

Neste versículo o apóstolo expõe o porquê da necessidade de andar no Espírito, isto é, ter uma vida controlada e movida pelo verdadeiro Espírito de Deus. A exposição é encontrada no fato do intenso conflito entre o Espírito e a carne. Ainda que nos encontremos judicialmente mortos para a natureza pecaminosa e seu poder e possamos experimentar a libertação originada da nova vida em Cristo, mediante a união com ele, a natureza pecaminosa, todavia, não está erradicada. Bartlett apresenta uma boa observação neste ponto. Ele escreve:

A aceitação de Cristo no coração, inevitavelmente, provocará uma amarga e determinada resistência da parte da velha natureza pecaminosa, a qual, até agora, possuía tudo do seu próprio modo. Nem a carne será levada a dormir pela tola ilusão que está morta e sepultada. É imperativo para o nosso crescimento espiritual compreendermos o fato de que a velha natureza não é removida ou reformada na regeneração. A falha em entender este fato elementar, freqüentemente, lança o novo convertido numa desnecessária

confusão e desespero com respeito à sua posição perante Deus, quando depois de um sereno período de triunfo e comunhão com Jesus, ele tropeça em seus antigos pecados e cria a fantasia de que foi vencido para sempre. Com antigos cristãos este erro, freqüentemente, produz resultados completamente diferentes. Convencidos de que não podem pecar, partidários da heresia da perfeita santidade negarão que as práticas denunciadas pela Palavra de Deus como pecado, de fato são. O sujeito que pensa que alcançou tal perfeição é vítima de certa ilusão, na qual se encontra desesperadamente necessitado de um novo par de óculos, a fim de evitar uma ameaçadora escravidão.²

NOSSA CONQUISTA: A LIBERTAÇÃO DA LEI POR MEIO DO ESPÍRITO

Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei. (Gl 5.18)

Mais uma vez, isso não significa que os cristãos estão livres de responsabilidades e imperativos para obedecer. O Senhor disse: “Se vocês me amam, guardarão os meus mandamentos”. A questão é que nós temos um novo sentido de vida. Da mesma forma que a justificação não acontece mediante obras da lei, também, a santificação não pode ser alcançada pelo empenho humano. O crente não é espiritual porque mantém um conjunto de princípios ou imperativos. Mas, mantém os imperativos da Escritura porque é espiritual.

Estar debaixo da lei é estar debaixo de sua autoridade como regra de vida, e assim, tentar manter isso como um meio de santificação.

Fonte: Extraído e traduzido do artigo *Personal Freedom*, de J. Hampton Keathley, disponível em www.bible.org.

² C. Norman Bartlett, *Galatians and You*, Moody Press, Chicago, 1948, p. 106.